



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à Caixa Econômica Federal

Brasília-DF, 04 de agosto de 2006

Primeiro, quero dizer para vocês, a alegria de ver a satisfação de homens e mulheres que trabalham na Caixa, com o resultado das coisas que vocês mesmos conseguiram produzir de inovação.

Eu penso que só o fato de vocês terem 4,5 milhões de novos brasileiros e brasileiras que antes não conseguiam passar nem na porta de um banco, porque não se sentiam qualificados para passar, serem hoje clientes do banco, não apenas terem uma conta, mas serem clientes do banco, já é a revolução de uma palavra mágica chamada inclusão bancária.

Eu não tinha dimensão de que as pessoas gostavam de ter conta em banco. Quando eu participei do primeiro ato, em que uma mulher que catava papel foi ao Palácio, que a mulher abriu a conta na Caixa, ela me abraçou chorando, dizendo que jamais imaginou que poderia ter uma conta num banco. Quem já nasce tendo, não dá a menor importância para isso, mas quem consegue ter acesso, depois de tantos anos, é uma coisa extraordinária.

Depois, dar os parabéns para a Caixa, pela rapidez e pela seriedade no trato do cartão do Bolsa Família. Eu sei que foi um trabalho imenso, um trabalho que fez com que as pessoas se sacrificassem até nos seus finais de semana, mas o dado concreto é que hoje, estejam as pessoas em qualquer lugar que estiverem, se tiver lá um caixinha eletrônico, se tiver uma loteria, o cidadão pode receber sem ter que gastar uma parte disso com ônibus. É outra coisa extraordinária.

A terceira coisa que eu vi, que vocês ainda não inauguraram, mas que eu tive a oportunidade de ver, é a nova máquina que vai coordenar os jogos que a Caixa coordena, e o mais prazeroso é saber que é tecnologia brasileira,



feita por brasileiros e, portanto, a gente não tem que ficar dependente de empresas, que às vezes não são brasileiras, ou às vezes de empresas que não têm a mesma responsabilidade, a mesma seriedade, que um funcionário de carreira da Caixa tem para prestar contas à própria instituição em que ele trabalha.

Essas, na verdade, são as razões pelas quais eu estou querendo visitar a Caixa Econômica, Banco do Brasil, Banco Central, Basa, BNB, porque até então nós tivemos momentos auspiciosos dessas instituições, ninguém sobrevive 145 anos se não for bom, se não tiver alguma coisa, mas também vocês, como funcionários de carreira da Caixa, já viram a Caixa quebrar, já viram a Caixa viver às custas de arrumações contábeis, e a gente partiu do pressuposto de que a Caixa tem que funcionar como um banco, tem que ter uma função social diferente de um banco particular, mas ninguém quer ter um banco para ter prejuízo, um banco tem que ter seus rendimentos, até porque ele vai se aperfeiçoar com parte do rendimento que tem.

Está provado que a Caixa é competitiva, está provado que a Caixa sabe fazer mais do que pagar as coisas do governo, que a Caixa sabe disputar crédito, que a Caixa sabe disputar clientes, e eu acho que vocês conseguiram consolidar a cara de um banco que é verdadeiramente um banco, que pode ter uma finalidade diferenciada de outro, mas na hora de fazer negócio, na hora de emprestar dinheiro, na hora de receber o dinheiro, na hora de fazer crédito, faz como se fosse um banco. Tem que ter seriedade, porque isso aqui não é uma casa de favores, isso aqui é uma casa de captação e empréstimo de recursos.

De forma que eu quero dar os parabéns a vocês. Acho que a gente assumiu o controle das loterias por nossa conta, com engenharia nossa. Espero que vocês convoquem a imprensa no dia em que vocês forem anunciar o descontrato e o novo contrato com vocês mesmos, que possam mostrar ao mundo que nós somos capazes.



Aliás, eu vou dizer uma coisa para você, Maria Fernanda. Desde a viagem que eu fiz para Nova Iorque, quando discutimos a possibilidade dos bancos brasileiros captarem os recursos dos brasileiros que moram lá e que teriam que ter facilidade de mandar o dinheiro para cá, como se estivessem aqui no Brasil, não sei por que eles têm que ser extorquidos para mandar dinheiro para cá. Eu fui ao Japão e é a mesma coisa, ou seja, por que os milhões de japoneses, de brasileiros e japoneses que estão lá não podem utilizar a Caixa para mandar os recursos para a sua família aqui? Porque ele tem que pagar não sei quanto, tornando tudo mais difícil.

Eu acho que o Brasil é um país que, em se tratando dos seus bancos, não deve nada a nenhum país do mundo, só que a gente muitas vezes aceita, com muita facilidade, ser tratado como um país subdesenvolvido, como um país emergente, como um país de menor porte, quando na verdade, para qualquer coisa que você olhar no mundo, o Brasil está entre os oito, os dez, os cinco maiores países do mundo.

É que nós mesmos não costumamos nos valorizar, nós mesmos costumamos achar que as coisas de fora são melhores do que as nossas. Em se tratando de banco, eu acho que o nosso serviço, a nossa tecnologia não deve nada a ninguém. E eu penso que tem muita gente que poderia ser ajudada pelo nosso conhecimento. Obviamente que a gente não vai querer ficar disputando com a cidade de Londres, não vai querer ficar disputando com Paris, mas o mundo não é Londres e não é Paris, o mundo é todo o continente africano, o mundo é toda a América do Sul, o mundo são países como a Índia, como a China, como a África do Sul, que podem ter igual, melhor não têm, do que nós. Acho que nessa área, nós temos o que ensinar.

E eu acho que esse nosso arrojo é extremamente importante, que os nossos bancos também comecem a adentrar nessa globalização. Eu fico pensando: por que na Nigéria, que é um país de 140 milhões de habitantes, e o Brasil tem déficit comercial de quase 3 bilhões de dólares, por que a gente não



tem nossas agências bancárias lá? Eu penso que nós precisamos ser um pouco mais arrojados, porque acabou o tempo em que, aqui no Brasil, se pensava que relação internacional era só Estados Unidos e União Européia. Obviamente que são dois parceiros extremamente importantes, mas o Brasil tem, cada vez mais, dificuldades de adentrar nesses mercados porque eles são muito competitivos. Mas tem dois terços da humanidade que não participam desses mercados e que estão aí à nossa disposição. Agora, se a gente não for... Eu, quando atravesso aqui... você sai do Nordeste e vai a Dakar, você encontra carro japonês produzido no Japão, por que não tem um carro brasileiro lá? Dá para ir até de canoa, se quiser.

Então, eu acho que a Caixa... Eu, quando vejo história do BNB e do Basa, vejo como era e vejo como eles estão agora – embora não seja economiário, eu acompanho a vida da Caixa, não só por conta da minha relação com o Sindicato – mas esta Caixa esteve para quebrar muitas vezes e as pessoas não contavam. Eu vejo como os privatistas publicavam manchetes e mais manchetes dizendo: “A Caixa teve um déficit de 1 bilhão; o Banco do Brasil teve um déficit de 800 bilhões; o Tesouro vai ter que colocar dinheiro”. Agora é importante que vocês se orgulhem e digam: “a Caixa está fazendo muito mais do que já fez em qualquer outro momento da sua história, está cuidando do povo pobre, também, e não está tendo déficit, está tendo um superávit no final do ano, não fecha mais em vermelho, fecha em verde, azul ou outra coisa qualquer”. Isso é uma coisa extremamente importante. Por isso eu quero dar os parabéns, esperando que a CEF tenha mais dinheiro para investir em coisas produtivas neste país. Então, eu fico feliz e quero dizer para vocês que ainda não foi a visita completa, porque eu tenho que almoçar ainda.

Eu ontem fui visitar a plataforma da Petrobras e talvez as pessoas não saibam por que a gente tem tanto orgulho. Nós, em 2001, começamos a dizer que o Brasil tinha condições de produzir as plataformas aqui. Houve uma guerra pela imprensa de que o Brasil não tinha, que eu não sabia o que estava



falando, que já estava provado pelos engenheiros da Petrobras que não podia. E era mentira, porque não eram os engenheiros da Petrobras. Os mesmos engenheiros da Petrobras diziam para mim que tínhamos condições de fazer. Então, ontem, eu tive o prazer de visitar duas plataformas. Só para vocês terem idéia, os contratos que nós fizemos da P-52, que previa 60% de coisas adquiridas no Brasil, produzidas no Brasil, nós estamos com 75%. De coisas que nós prevíamos 75%, estamos com 90% de mão-de-obra, de matéria-prima, de tecnologia nacional. Então, na verdade, nós estamos economizando alguns bilhões de dólares, e o que é mais importante, gerando alguns milhares de empregos. Ontem eu cheguei lá, naquele estaleiro que ficava fechado, eu estive de férias com a Marisa, em 2000, no estaleiro tinha era mato, capim, aquilo tinha tomado conta, só se encontrava ex-metalúrgico vendendo patinha de caranguejo, patinha de siri na praia. Hoje, só empregos diretos, são sete mil naquele estaleiro. E com as encomendas que a Petrobras tem daqui para frente, em 2007 nós vamos ter empregos por muitos e muitos anos.

E vamos também recuperar a nossa Marinha Mercante. O Brasil tem um déficit de frete, na sua balança comercial, de quase 8 bilhões de dólares. Não tem sentido o Brasil ter déficit na sua balança comercial de frete, porque um dia alguém entendeu que o Brasil deveria transportar os seus produtos e trazer o que ele compra em navios de bandeira estrangeira. Alguém imaginou isso e nós vamos recuperar. E dentro disso está a Caixa Econômica Federal. Hoje, ela pode, com muito orgulho, dizer que é mais banco do que já foi em qualquer outro momento, que atende mais do que em qualquer outro momento e tem mais solidez na sua relação com os clientes do que em qualquer outro momento. Então, eu não poderia... talvez porque tenha muitos vice-presidentes...

Então, eu quero dar os parabéns a vocês e dizer que, se vocês continuarem trabalhando assim, eu penso que sairá da cabeça de qualquer brasileiro a idéia de que um banco como este tem que ser privatizado.



Meus parabéns!